



SINOS E TAÇAS

JUNTO AO OCEANO E MAIS LONGE.
ASPECTOS DA PRESENÇA CAMPANIFORME
NA PENÍNSULA IBÉRICA

BELLS AND BOWLS
NEAR THE OCEAN AND FAR AWAY.
ABOUT BEAKERS IN THE IBERIAN PENINSULA

VICTOR S. GONÇALVES (Ed.)

SINOS E TAÇAS

JUNTO AO OCEANO E MAIS LONGE.
ASPECTOS DA PRESENÇA CAMPANIFORME
NA PENÍNSULA IBÉRICA



BELLS AND BOWLS
NEAR THE OCEAN AND FAR AWAY.
ABOUT BEAKERS IN THE IBERIAN PENINSULA

VICTOR S. GONÇALVES (Ed.)

estudos & memórias

Série de publicações da UNIARQ
(Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa)
Direcção e orientação gráfica: Ana Catarina Sousa
Série fundada por Victor S. Gonçalves.

10.

GONÇALVES, V. S., ed. (2017) – *Sinos e Taças. Junto ao Oceano e mais longe. Aspectos da presença campaniforme na Península Ibérica*. estudos & memórias 10. Lisboa: UNIARQ/ FL-UL. 364 p.

Capa e contracapa: Victor S. Gonçalves e TVM Designers.
Capa: vaso «campaniforme» do escultor Francisco Simões, Edição Multiface 1/1500. Produzido em 1988 no Atelier Vasconcelos. Francisco Simões nunca tinha visto um vaso campaniforme autêntico. Contracapa: detalhe da superfície externa do vaso proveniente da necrópole do Casal do Pardo, sem indicação de gruta. MNA 984.670.53. Fotos Victor S. Gonçalves.

Paginação e Artes finais: TVM designers
Impressão: AGIR Produções Gráficas
300 exemplares

ISBN: 978-989-99146-5-0 / Depósito Legal: 435 925/17

Copyright ©, 2017, os autores.

Toda e qualquer reprodução de texto e imagem é interdita, sem a expressa autorização do(s) autor(es), nos termos da lei vigente, nomeadamente o DL 63/85, de 14 de Março, com as alterações subsequentes. Em powerpoints de carácter científico (e não comercial) a reprodução de imagens ou texto é permitida, com a condição de a origem e autoria do texto ou imagem ser expressamente indicada no diapositivo onde é feita a reprodução.

Lisboa, 2017.

Volumes anteriores de esta série:

LEISNER, G. e LEISNER, V. (1985) – *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz*. Estudos e Memórias, 1. Lisboa: Uniarch/INIC. 321 p.

GONÇALVES, V. S. (1989) – *Megalitismo e Metalurgia no Alto Algarve Oriental. Uma aproximação integrada*. 2 Volumes. Estudos e Memórias, 2. Lisboa: CAH/Uniarch/ INIC. 566+333 p.

VIEGAS, C. (2011) – *A ocupação romana do Algarve. Estudo do povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano*. Estudos e Memórias 3. Lisboa: UNIARQ. 670 p.

QUARESMA, J. C. (2012) – *Economia antiga a partir de um centro de consumo lusitano. Terra sigillata e cerâmica africana de cozinha em Chãos Salgados (Mirobriga?)*. Estudos e Memórias 4. Lisboa: UNIARQ. 488 p.

ARRUDA, A. M., ed. (2013) – *Fenícios e púnicos, por terra e mar*, 1. Actas do VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos, Estudos e memórias 5. Lisboa: UNIARQ. 506 p.

ARRUDA, A. M., ed. (2014) – *Fenícios e púnicos, por terra e mar*, 2. Actas do VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos, Estudos e memórias 6. Lisboa: UNIARQ. 698 p.

SOUSA, E. (2014) – *A ocupação pré-romana da foz do estuário do Tejo*. Estudos e memórias 7. Lisboa: UNIARQ. 449 p.

GONÇALVES, V. S.; DINIZ, M.; SOUSA, A. C., eds. (2015) – *5.º Congresso do Neolítico Peninsular*. Actas. Lisboa: UNIARQ/ FL-UL. 661 p.

SOUSA, A. C.; CARVALHO, A.; VIEGAS, C., eds. (2016) – *Terra e Água. Escolher sementes, invocar a Deusa*. Estudos em Homenagem a Victor S. Gonçalves. Lisboa: UNIARQ/ FL-UL. 623 p.

TÁBUA

Sinos, taças e coisas assim, junto ao oceano e mais longe. Algumas reflexões sobre a presença campaniforme em Portugal VICTOR S. GONÇALVES	6
O campaniforme de Alcalar no contexto do extremo sul ELENA MORÁN	28
Para uma leitura sociopolítica do campaniforme do Guadiana. Longas viagens com curta estada no Porto das Carretas JOAQUINA SOARES	38
<i>We are ancients, as ancient as the sun</i> : Campaniforme, antas e gestos funerários nos finais do 3.º milénio BCE no Alentejo Central RUI MATALOTO	58
Approaching Bell Beakers at Perdigões enclosures (South Portugal): site, local and regional scales ANTÓNIO CARLOS VALERA • ANA CATARINA BASÍLIO	82
O Barranco do Farinheiro (Coruche) e a presença campaniforme na margem esquerda do baixo Tejo VICTOR S. GONÇALVES • ANA CATARINA SOUSA • MARCO ANDRADE	98
O povoamento campaniforme em torno do estuário do Tejo: cronologia, economia e sociedade JOÃO LUÍS CARDOSO	126
Entre os estuários do Tejo e do Sado na 2.ª metade do III milénio BC: o fenómeno campaniforme CARLOS TAVARES DA SILVA	142
<i>Entre a Foz e a Serra</i> : apontamentos sobre a cerâmica campaniforme do povoado pré-histórico da Parede (Cascais) VICTOR S. GONÇALVES • ANA CATARINA SOUSA • MARCO ANTÓNIO ANDRADE • ANDRÉ PEREIRA	158
Ritmos de povoamento e cerâmica campaniforme na área da Ribeira de Cheleiros (Mafra e Sintra, Lisboa) ANA CATARINA SOUSA	170
Campaniforme em Zambujal (Torres Vedras) MICHAEL KUNST	194

Beakers in Central Portugal: social roles, confluences and strange absences	214
ANTÓNIO CARLOS VALERA	
.....	
A looking in view: cultural expressions of Montejunto Bell Beakers	230
ANA CATARINA BASÍLIO • ANDRÉ TEXUGO	
.....	
Bell beaker contexts in Portugal: the northern and the Douro region basin	238
MARIA DE JESUS SANCHES • MARIA HELENA LOPES BARBOSA ALEXANDRA MARIA FERREIRA VIEIRA	
.....	
El fenómeno campaniforme en el Sudeste de la Península Ibérica: el caso del Cerro de la Virgen (Orce, Granada)	258
FERNANDO MOLINA GONZÁLEZ • JUAN ANTONIO CÁMARA SERRANO ALBERTO DORADO ALEJOS • MARÍA VILLARROYA ARÍN	
.....	
La cerámica campaniforme del Cerro de la Encina (Monachil, Granada). Nuevas aportaciones al complejo cultural del Sureste	276
ALBERTO DORADO ALEJO • FERNANDO MOLINA GONZÁLEZ JUAN ANTONIO CÁMARA SERRANO • JESÚS GÁMIZ CARO	
.....	
Producción y consumo de cerámica campaniforme en Valencina de la Concepción 00(Sevilla, España): una propuesta interpretativa desde el análisis de los contextos de la calle Trabajadores	288
NUNO INÁCIO • FRANCISCO NOCETE • ANA PAJUELO PANDO PEDRO LÓPEZ ALDANA • MOISÉS R. BAYONA	
.....	
Campaniforme y Ciempozuelos en la región de Madrid	302
CORINA LIESAU VON LETTOW-VORBECK	
.....	
Redefining Ciempozuelos. Bell-beaker culture in Toledo?	324
PRIMITIVA BUENO-RAMÍREZ • ROSA BARROSO-BERMEJO • RODRIGO BALBÍN-BEHRMANN	
.....	
La sal y el campaniforme en la Península Ibérica: fuente de riqueza, instrumento de poder ¿y detonante del origen del estilo marítimo?	342
ELISA GUERRA DOCE	
.....	
A metalurgia campaniforme no Sul de Portugal	354
ANTÓNIO M. MONGE SOARES • PEDRO VALÉRIO • MARIA FÁTIMA ARAÚJO • RUI SILVA	
.....	
Workshop Sinos e Taças (campaniformes). Algumas imagens	364
.....	

LA CERÁMICA CAMPANIFORME DEL CERRO DE LA ENCINA (MONACHIL, GRANADA). NUEVAS APORTACIONES AL COMPLEJO CULTURAL DEL SURESTE

ALBERTO DORADO ALEJOS

a.dorado.alejos@hotmail.com

FERNANDO MOLINA GONZÁLEZ

molinag@ugr.es

JUAN ANTONIO CÁMARA SERRANO

jacamara@ugr.es

JESÚS GÁMIZ CARO

jegamiz@ugr.es

Departamento de Prehistoria y Arqueología
Facultad de Filosofía y Letras
Universidad de Granada
Campus Universitario de Cartuja, s/n
18071, Granada (España)

RESUMO Neste artigo vamos mostrar um conjunto de taças e fontes com decoração campaniforme procedentes do sítio arqueológico do Cerro de la Encina (Monachil, Granada) localizados em diferentes espaços que permaneceu inédito até agora. A abordagem tecnológica feita por estereoscopia nos permitiu distinguir duas áreas de matérias-primas localizadas nos espaços imediatos, mas também aprofundar a existência de um povoado anterior sobre esses estágios mais conhecidos – como são o Bronze Argárico e o Bronze Final do Sudeste –, menor do que nas fases subsequentes. Observando os caracteres formais, as técnicas e os motivos decorativos comprova-se sua relação com as fases recentes do Cobre del Sureste. Assim, a situação do Cerro de la Encina responde a um povoado cujas elites económicas e sociais possuem, como assim fizeram no Cerro de la Virgen e Los Millares, um controle de produção desta cerâmica campaniforme.

PALAVRAS CHAVE: Campaniforme, tecnologia cerâmica, Cobre Recente, Sureste Peninsular, Secuencia Decorativa.

ABSTRACT In this paper we present a group of Bell-Baker ceramics from Cerro de la Encina (Monachil, Granada), found in different areas of the site. These sherds have remained unpublished until now. The technological approach carried out by stereoscopy allowed us to differentiate three raw material catchment areas located in the nearby geological context. The existence of a Chalcolithic settlement, smaller than later and better known Argaric and Final Bronze Age sites – is also suggested by this analysis. Through their formal features and technical and decorative motifs, we can ascribe them to the Recent Copper Age Southeast Beaker style. Thereby, Cerro de la Encina is proposed as a Late Chalcolithic central settlement whose economic and social elites would exert control of production and consume of Bell-Baker pottery, as occurs in other sites of the Southeast such as the Cerro de la Virgen and Los Millares.

KEYWORDS: Bell-Baker, Ceramics Technology, Recent Cooper Age, Southeast of the Iberian Peninsula, Decorative Sequence.

INTRODUCCIÓN

El sitio arqueológico del Cerro de la Encina se localiza en el término municipal de Monachil (Granada), sobre un cerro conformado por tres mesetas escalonadas ubicadas junto al río Monachil (fig. 1). Hacia el norte, y separada por una suave vaguada, el asentamiento se prolonga por una amplia meseta limitada por dos espolones rocosos en sentido E-W.

Las primeras noticias acerca del yacimiento nos llegan en 1922, cuando J. Cabré publica dos sepulturas argáricas halladas en la ladera suroeste, donde se localizaron dos y cuatro inhumaciones, respectivamente (Cabré, 1922). Con posterioridad, en el año 1946, M. Tarradell realizaría varios sondeos en la plataforma inferior de la meseta central en la que los escasos relleños le llevaron a sugerir que el poblado, arrasado por las tareas agrícolas, carecía de potencial arqueológico (Tarradell, 1947-48). En el año 1952, con motivo del Congreso de Arqueología de Campo celebrado en Granada, se realizó un sondeo cuyos resultados nunca fueron publicados.

No sería hasta el año 1968 cuando se iniciara un proyecto de investigación sistemática desarrollado por el Dpto. de Prehistoria y Arqueología de la Universidad de Granada, cuyas excavaciones fueron dirigidas por D. Antonio Arribas y D. Fernando Molina. El yaci-

miento quedó dividido en cuatro grandes zonas: A, B, C y D según las distintas unidades geomorfológicas identificadas. Desde este momento, las intervenciones se centraron en aquellas zonas con depósitos del horizonte argárico y la cultura del Bronce Final del Sureste y especialmente en la meseta central del poblado (Zona A) donde, entre 1968 y 1983, se documentó una amplia secuencia de ocupación (Arribas *et al.*, 1974).

El material que mostramos en el presente documento fue hallado en las Zonas B-W, situado junto a la actual acequia en la que se pudo hallar un contexto primario, y en la Zona C, al reparar una parata agrícola colapsada. Así, se incluyen varios fragmentos de cerámica campaniforme, varias fuentes biseladas con y sin decoración y una pesa de telar, que si bien algunos han sido estudiados con anterioridad (Carrilero, 1983, 1991), han permanecido inéditos hasta el momento. De este modo, tanto por su decoración como por su forma, podemos señalar su adscripción a un horizonte del Cobre Reciente, momento en que se inicia la ocupación del asentamiento que probablemente tendría continuidad hacia las subsiguientes fases argáricas.

Por otro lado, se ha realizado un análisis tecnológico de la cerámica con el fin de determinar la secuencia de producción que se halla tras los patrones productivos campaniformes. Son muchos los estudios que en

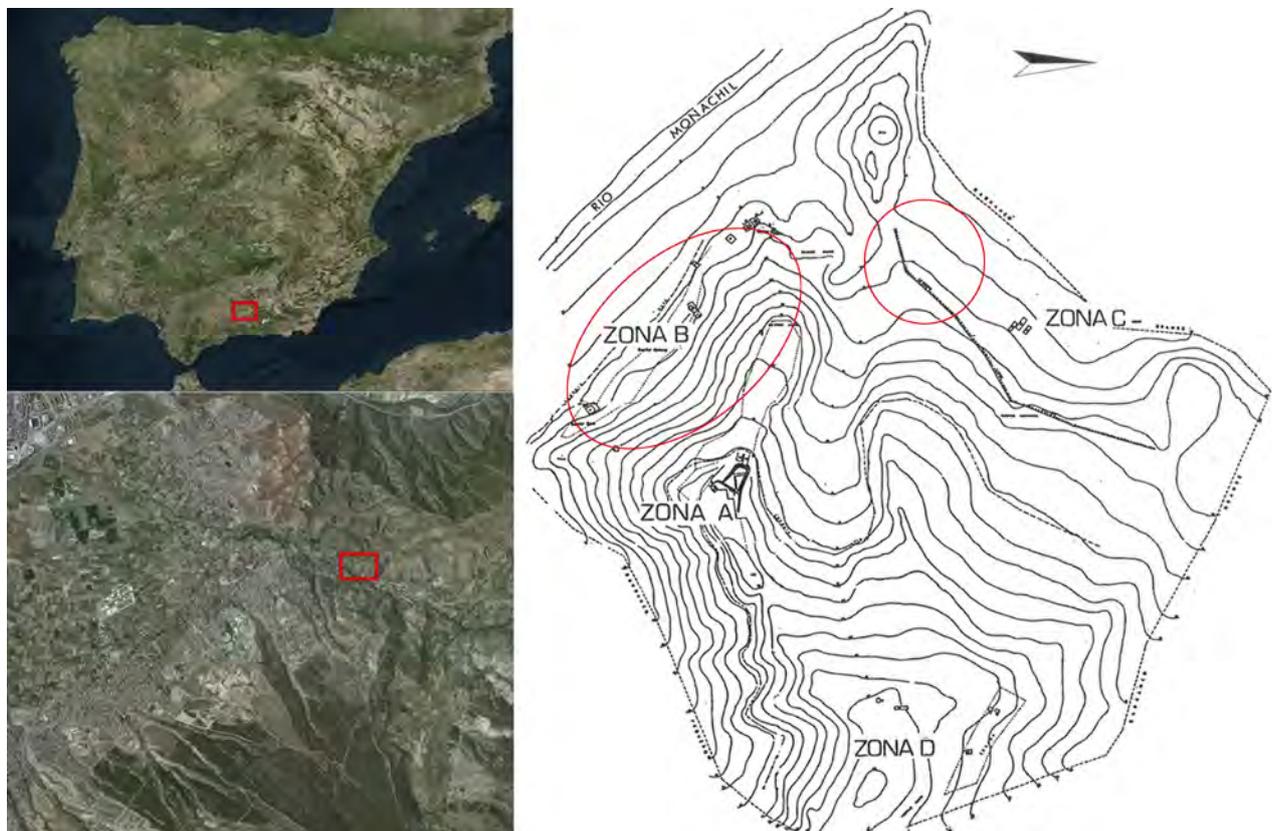


FIG. 1 Localización, topografía y zonificación del Cerro de la Encina (Monachil, Granada). En rojo, zonas en las que se hallaron los fragmentos que se presentan en este trabajo.

los últimos años han abordado desde una perspectiva arqueométrica estas producciones con el fin de determinar aspectos concretos de su composición y las estrategias de captación de materias primas (Inácio *et al.*, 2012; González Vilchez *et al.*, 1999) o sus elementos constitutivos (Martín Valls y Delibes de Castro, 1989; Blasco *et al.*, 1994; Lazarich, 1999; Odriozola y Hurtado, 2007; Odriozola, 2009; Odriozola *et al.*, 2012; Molina *et al.*, este vol.). No obstante, hasta ahora no se ha atendido a los procesos formativos de la decoración; por ello, hemos desarrollado un método derivado de la estratigrafía muraria (Parenti, 1990, 2000) al que hemos denominado *Secuencia Decorativa*, con el fin de inducir algunos de los gestos técnicos que se encuentran tras la realización de la decoración y que, consideramos, pueden ayudar a profundizar en la construcción de las entidades culturales definidas (Harrison, 1987).

DESCRIPCIÓN DE LOS MATERIALES

Si bien consideramos que el número de fragmentos es reducido, entendemos que este conjunto de vasijas de estilo campaniforme, así como las distintas fuentes de borde biselado localizadas, sin decoración, nos va a permitir realizar una serie de consideraciones sobre el proceso de producción cerámico y, más aún, conocer parte de la materialidad del que consideramos el primer poblamiento documentado en el Cerro de la Encina. El conjunto se compone de una serie de vasos y fuentes que pasamos a describir:

- Vaso ovoide hallado en superficie (Zona B). La decoración se forma por la alternancia de bandas verticales y horizontales realizadas con incisión y delimitadas en su zona superior por un zig-zag realizado con impresión de espátula. Bajo este campo se desarrollan triángulos rellenos de líneas oblicuas realizadas por incisión (fig. 2:1).
- Fuente de borde biselado con decoración al interior localizada en superficie (Zona C). Decoración basada en la alternancia de campos horizontales rellenos de líneas oblicuas y reticulado. Hacia el labio, líneas verticales cierran la panoplia decorativa. La técnica decorativa a partir de la cual se realiza es la incisión (fig. 2:2).
- Cuenco semiesférico pequeño localizado en la Zona B-W (M-71-L1-Ilc 269). El tercer fragmento parece adscribirse a un vaso de pequeñas dimensiones. La decoración se realiza mediante líneas horizontales incisas cerradas en su parte inferior por líneas verticales incisas y delimitadas abajo por un zig-zag de impresión de espátula (fig. 2:3).
- Vaso marítimo hallado en la Zona C. La decoración, realizada mediante impresión de peine, representa una banda horizontal rellena de impresiones oblicuas (fig. 2:4).
- Vaso globular procedente de la Zona C. Su decoración se forma por dos bandas horizontales incisas bajo el borde que cierran un campo de zig-zags con desarrollo horizontal realizados por impresión de espátula (fig. 2:5).
- Borde de vaso campaniforme hallado en la Zona B. Su decoración se realiza mediante tres bandas horizontales incisas bajo el borde que cierran un campo de zig-zag realizado por impresión de espátula (fig. 2:6).
- Cuenco semiesférico pequeño localizado en la Zona B-W (M-71-L1-Ilc-268). Bajo el borde presenta impresiones de espátula formando zig-zag y, bajo ellas, cinco líneas incisas con desarrollo horizontal (fig. 2:7).
- Borde de vaso campaniforme de tamaño medio hallado en la Zona B-W (M-71-L1-IB-202). Similar al anterior, presenta bajo el borde impresiones de espátula formando zig-zag y, bajo estas, seis líneas incisas con desarrollo horizontal (fig. 2:8).
- Cuenco hondo de borde entrante hallado en la Zona A. La decoración se realiza mediante impresión creando dos franjas con desarrollo horizontal rellenas de líneas oblicuas atravesadas por otra horizontal. Bajo ella se realizan, también mediante impresión, cinco zig-zags con desarrollo horizontal. (fig. 2:9)
- Fuente honda de borde biselado localizada en la Zona B-W (M-71-L1-IB-204). Sin decoración (fig. 2:10).
- Fuente con borde recto localizada en la Zona B-W (M-71-L1-IB-203). Sin decoración (fig. 2:11).
- Fuente de borde biselado localizada en la Zona B-W (M-71-L1-IA-164/ M-71-L1-IA-148). Sin decoración (fig. 2:12).
- Pesa de telar ovoide con doble perforación hallada en la Zona B-W (M-71-L1-IB-201) (fig. 2:13).

HACIA UNA IDENTIFICACIÓN DE LA SECUENCIA DE PRODUCCIÓN DE LA CERÁMICA CAMPANIFORME

En este apartado atenderemos a los modelos de producción cerámicos a partir de los cuales son creados los conjuntos, según la secuencia de producción expuesta por O. S. Rye (1981), con el fin de determinar las posibles relaciones existentes – o no – entre unas y otras producciones. Así, en primer lugar, atenderemos a las materias primas que conforman dichos contenedores según las observaciones realizadas mediante estereoscopia (Orton *et al.*, 1993; Cuomo di Caprio, 2007; Gámiz *et al.*, 2013). Los resultados en este aspecto, según las composiciones, muestran una procedencia del entorno próximo del propio asentamiento, aunque se han de señalar tres posibles áreas de captación.

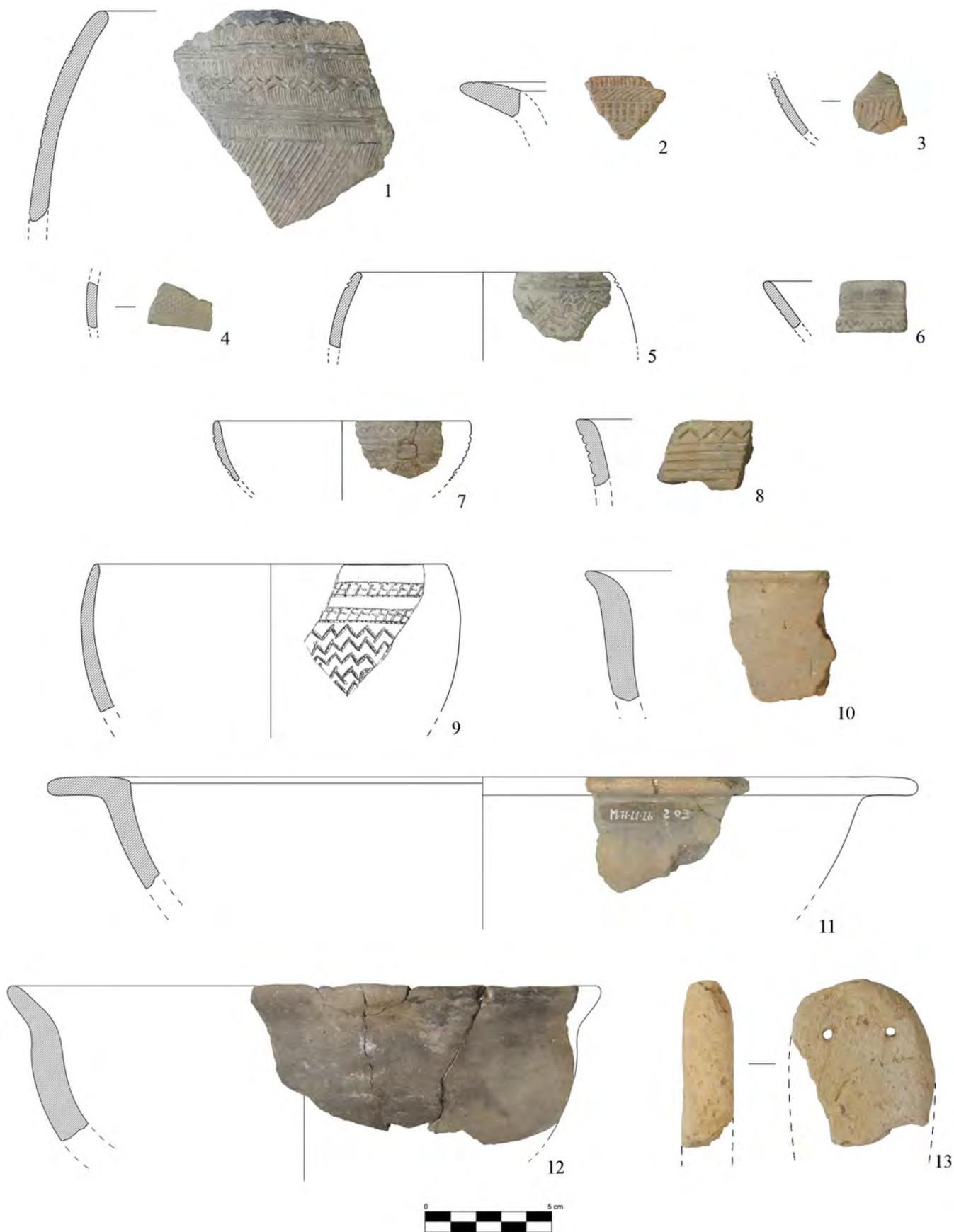


FIG. 2 Conjunto cerámico con decoración campaniforme (1-9), fuentes (10-12) y pesa de telar (13) halladas en las zonas B y C del Cerro de la Encina (Monachil, Granada).

De este modo, el *Grupo 1* estaría conformado por contenedores de cocción reductora, compuestos por desgrasantes identificados como cuarzo y mica moscovita, aunque existen variaciones internas que han determinado la realización de dos subgrupos:

- 1.A – Se caracteriza por la única presencia de cuarzos y micas moscovitas de pequeño tamaño, aunque en la matriz también pueden presentarse pequeños nódulos de carbonato cálcico (fig. 2: 1, 4, 7 y 12). Los desgrasantes poseen una alta esfericidad y sus aristas se encuentran redondeadas (fig. 3.a).
- 1.B – Presencia de cuarzos de mayor tamaño y micas moscovitas, con escasa presencia de nódulos de carbonato cálcico (fig. 2: 5, 6, 8 y 11). Los desgrasantes tienden a la esfericidad pero sus aristas son subangulosas y angulosas (fig. 3.b).

Por su parte, el *Grupo 2* quedaría constituido por aquellos contenedores con presencia de cuarzos, micas moscovitas y micaesquistos, siendo éste último el des-

grasante con mayor presencia en la muestra (fig. 2: 2, 3, 9 y 10)¹. La morfología del desgrasante se caracteriza por baja esfericidad y las aristas se presentan subredondeadas, lo que podría indicarnos un origen vinculado al curso fluvial del río Monachil (fig. 3.c).

Para concluir, restaría el *Grupo 3* realizado con materias primas radicalmente diferentes a las utilizadas para la conformación de los contenedores cerámicos. Nos estamos refiriendo a la pesa de telar (fig. 2: 13), la cual nos marcaría el aprovechamiento de un tercer tipo de materias primas, que no son en ningún caso utilizadas para la realización de vasijas campaniformes, al menos, para los casos estudiados.

Un segundo paso en la secuencia de producción cerámica sería el modelado. Para el caso de estudio, podemos concluir que todos los ejemplares, a excepción de la pesa de telar, se han realizado mediante técnicas de modelado simple: ahuecado. Esta inferencia la obtenemos a través de dos vías: por un lado, se han podido observar algunas trazas ascendentes en los cuerpos cerámicos que denotan la presión vertical necesaria

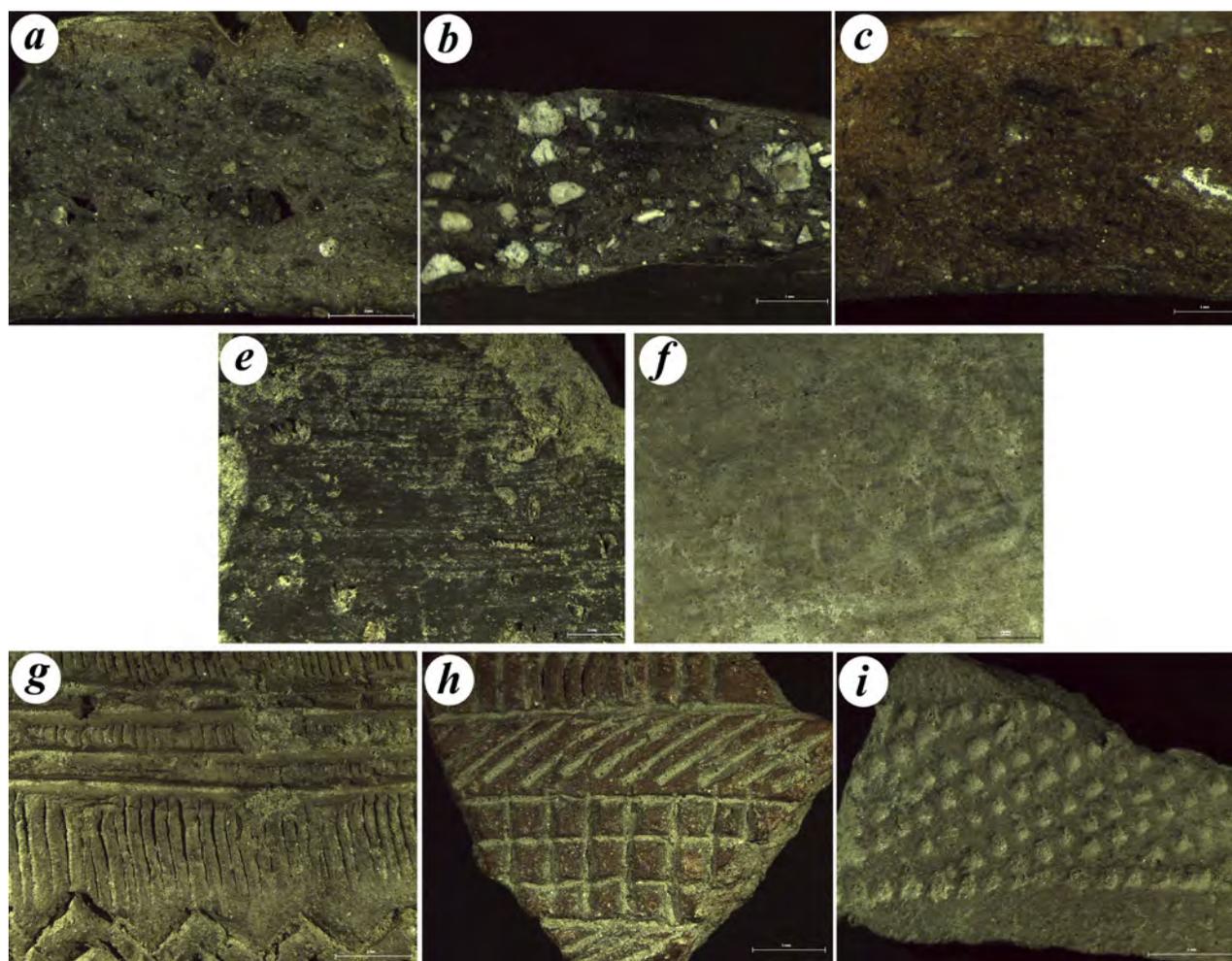


FIG. 3 Detalles de matrices (a-c), tratamientos de superficie (e-f) y detalle de técnicas y motivos decorativos (g-i) de la cerámica campaniforme del Cerro de la Encina (Monachil, Granada).

para la óptima conformación del contenedor y, por otro, por la propia disposición de los desgrasantes respecto a las paredes, fenómeno producido durante el amasado de las materias primas y por la presión ascendente que ejecuta el alfarero durante esta fase de la producción.

Respecto a los tratamientos de superficie, éstos parecen haberse realizado previamente a la decoración, identificándose el bruñido para los vasos con decoración campaniforme y el espatulado para las restantes. Sólo en un vaso (fig. 2: 1) se observa un previo espatulado sobre el que se realiza, posteriormente, el bruñido. En este sentido, hemos de señalar la importancia de esta técnica para la obtención de un cuerpo cerámico de relativa compacidad, evitándose la reproducción de poros en las fases siguientes al aumentar la presión ejercida sobre las matriz arcillosa (Echallier, 1984), y ayudando a la evacuación del agua interna añadida en fases previas (Capel *et al.*, 1995; Velde y Druc, 1999). Por otra parte, es evidente que el bruñido dota a la cerámica, tras la cocción, de un brillo que la hace particularmente llamativa, lo que sería de relativa importancia en una producción que no estaría destinada a su exposición al fuego, sino a la exhibición durante el consumo. Respecto a las fuentes sin decoración, éstas no parecen

poseer este mismo tratamiento de superficie, sino que se aplica el espatulado en el total de los casos, lo que nos lleva a pensar en una funcionalidad muy diferente, como sería la del consumo de alimentos en contextos sociales también diferentes.

Una vez realizados estos tratamientos, se pasa a realizar, con el recipiente en “estado de cuero”, la decoración mediante distintas técnicas. En este caso, hemos podido definir el uso de, al menos, tres técnicas diferentes: en primer lugar, la incisión, la cual se destina a la ejecución de líneas horizontales, verticales y oblicuas; en segundo lugar, impresiones de espátula, las cuales son utilizadas para conformar zig-zags; y, por último, impresiones de peine que han podido ser documentadas en el vaso de estilo marítimo y en el vaso con borde entrante, descrito por M. Carrilero (1983, 1991), que se utilizan para formar líneas horizontales, zig-zags y para rellenar con trazos cortos las bandas creadas por las mismas líneas impresas.

Por otro lado, hemos podido observar, a partir de un estudio secuencial de la decoración (método que hemos denominado como *Secuencia Decorativa*), el patrón seguido en la realización de los distintos campos ornamentales de un vaso ovoide (fig. 2:1). Con ello se

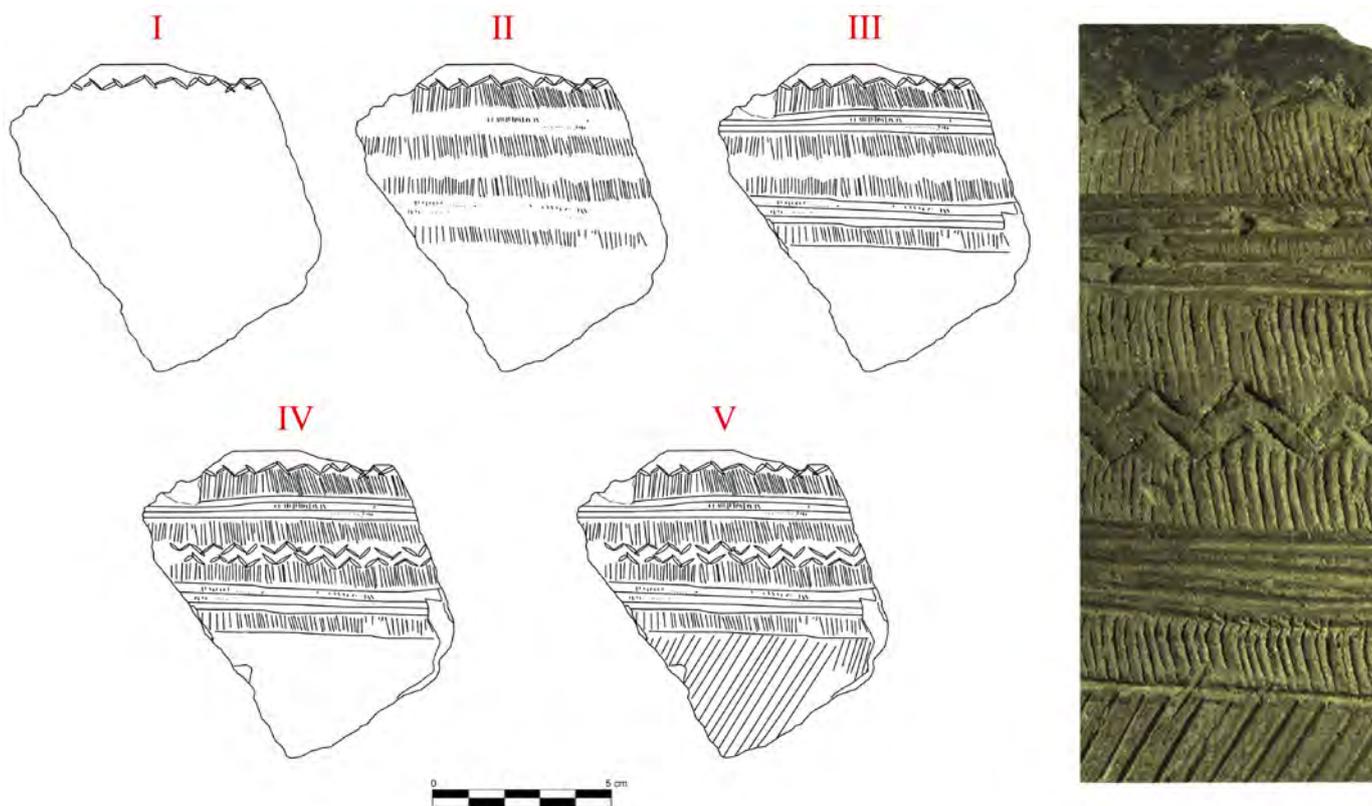


FIG. 4 Identificación de la *Secuencia Decorativa* observada en la ornamentación campaniforme de un vaso ovoide (izquierda) y detalle del fragmento (derecha) procedente de la Zona B.

pretende determinar los distintos gestos técnicos realizados por el alfarero cuyo fin es establecer un posible patrón en la producción ornamental (fig. 4) que ayude a definir producciones de uno o varios alfareros o, más genéricamente, tradiciones alfareras. Este método bien podría ayudar a abundar en la identificación de modelos de producción campaniformes, como parece haberlos en las incrustaciones de pasta blanca (Martín Valls y Delibes de Castro, 1989; Blasco *et al.*, 1994; González Vilchez *et al.*, 1999; Lazarich, 1999; Odriozola y Hurtado, 2007; Odriozola, 2009; Odriozola *et al.*, 2012; Molina *et al.*, este vol.), o como se propuso en su día a partir de los motivos y su distribución en los vasos (Harrison, 1987). El sistema nos podría permitir identificar ahora áreas geográficas circunscritas con distintas tradiciones.

De este modo, podemos ver cómo, en primer lugar, se elabora la decoración impresa en zig-zag mediante espátula que se sitúa en la parte superior del fragmento, para pasar, en segundo lugar, a realizar una serie de líneas verticales – de forma individual – efectuadas mediante incisión que afectan a tres cuartas partes de la pieza, aproximadamente, y quedan reflejadas en la conformación de los campos realizados con posterioridad. Tras eliminar parte de estas líneas mediante un

alisado superficial, se efectúa un tercer gesto, también mediante incisión, en el que se realizan líneas horizontales que conformarán los distintos campos de la decoración. En cuarto lugar, se vuelve a la realización de impresiones de espátula en zig-zag, para concluir mediante incisión, en un último paso, a efectuar líneas oblicuas que cierran los anteriores campos en su parte inferior. De este modo, observamos cómo la ejecución de la pieza se realiza mediante las técnicas de incisión e impresión y es necesario corregir parte de los trazos a fin de permitir la elaboración de los distintos motivos decorativos. Asimismo, se ha determinado un corto espacio de tiempo entre la realización de unos elementos y otros, ya que la pasta sigue fresca y es desplazada cuando se realizan los trazos subsiguientes.

Este mismo procedimiento ha podido observarse en las restantes producciones campaniformes (fig. 2: 3, 5, 6, 7 y 8), a excepción de una fuente con borde biselado (fig. 2: 2) y el fragmento de campaniforme marítimo (fig. 2: 4), ambos procedentes de la Zona C. En el primer caso se observa un cambio en la ejecución de la decoración (fig. 5a), de modo que el alfarero comienza, en primer lugar, con las impresiones oblicuas del interior del labio, para pasar posteriormente a realizar las

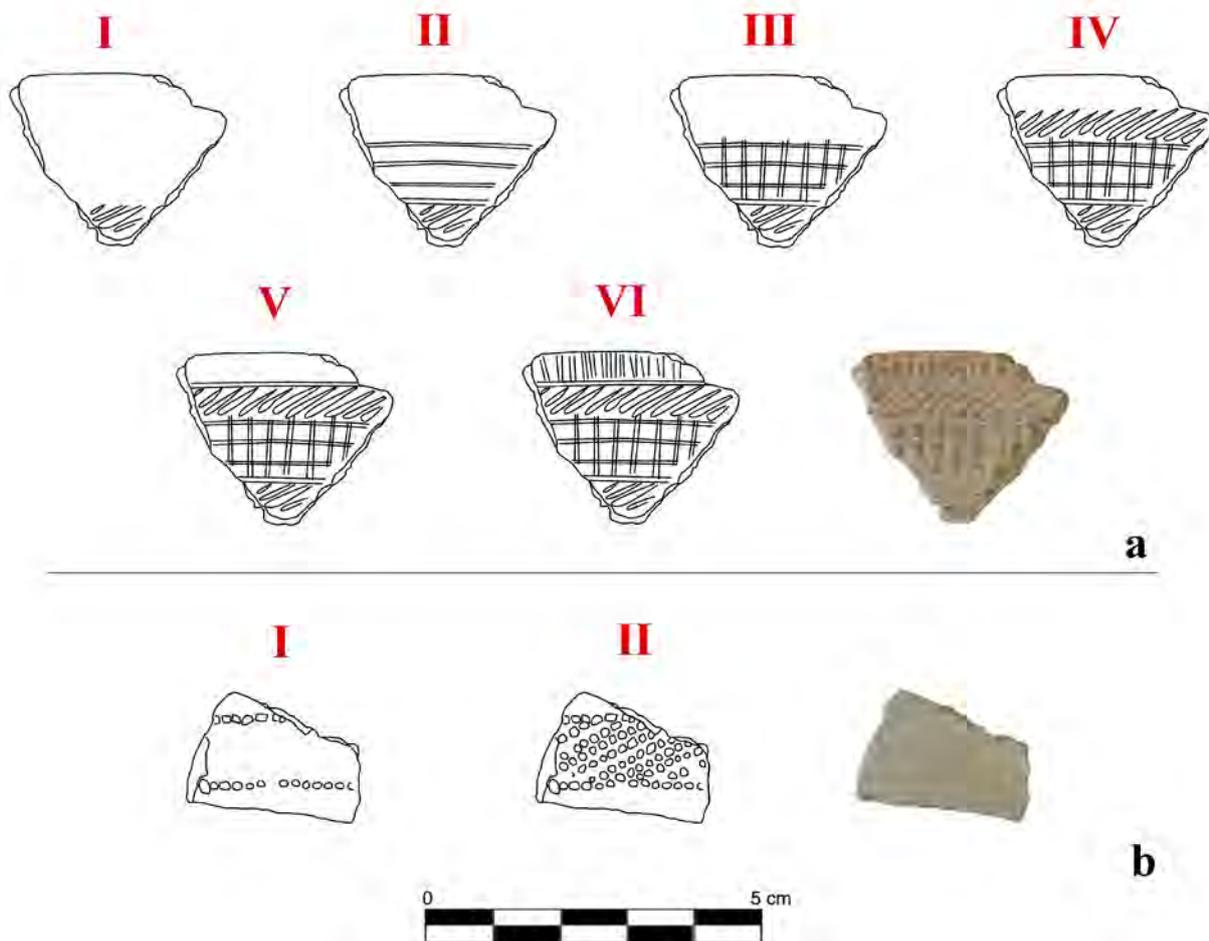


FIG. 5 *Secuencia Decorativa* identificada en una fuente (a) y un vaso marítimo (b) procedentes de la Zona C.

líneas incisas horizontales que se convertirán en un reticulado; seguidamente, el reticulado se concluye con la creación de líneas verticales. En un cuarto paso confecciona las impresiones de espátula situadas sobre el reticulado, el cual se cierra con una línea horizontal, y se concluye la decoración mediante incisiones transversales al labio. Por su parte, el vaso marítimo utiliza una herramienta radicalmente diferente a las anteriores, lo que nos indica, además, otra tradición alfarera (fig. 5b). Así, se realizan primero las impresiones mediante peine que delimitan los campos horizontalmente, para pasar, en segundo lugar, a rellenar el campo con líneas oblicuas mediante impresiones también de peine.

Respecto a la cocción, último paso de la secuencia de producción, hemos de advertir un ambiente generalmente reductor común a todos los contenedores; decimos generalmente ya que se observan manchas oxidantes en algunas de las superficies. Este fenómeno se produce como resultado de un escaso control de la oxigenación de la cámara de cocción, como de hecho se observa también en las variaciones tonales de las matrices cerámicas. No obstante, existen ciertas variaciones respecto a los tonos de los distintos grupos que indican, además, el comportamiento diferenciado de las arcillas ante un mismo paraguas tecnológico. Así, el Grupo 1 se caracteriza por superficies generalmente grises oscuras, el Grupo 2 por superficies pardo-rojizas y el Grupo 3 por beige claras, casi amarillentas. Estas variaciones en los cromatismos han sido trabajadas por varios autores, quienes señalan la relación directa entre las materias primas, su composición mineralógica y geoquímica, y las tonalidades de las superficies (Cuomo di Caprio, 2007).

En este sentido, hemos de considerar que bajo unos mismos patrones de producción cerámica, los cromatismos obtenidos habrían de ser los mismos, o encontrarse en el mismo espectro. No obstante, al alterar uno de los procesos de producción, como sería la selección de materias primas, estos valores se ven afectados, dotando al cuerpo cerámico de unos resultados muy diferentes. Este es el caso que nos ocupa. Si bien es cierto que no se han realizado análisis mediante técnicas más resolutivas, como pueden ser la Difracción de Rayos X, Petrografía o Fluorescencia de Rayos X, la macroscopía ayuda a establecer grupos previos, como así lo hacen las gamas cromáticas y la composición mineralógica identificada en la muestra.

CONSIDERACIONES FINALES

Estos elementos cerámicos, aunque exiguos dados los conjuntos hallados en otros asentamientos del SE, se constituyen como un grupo de especial relevancia al permitirnos aportar nuevos datos acerca del complejo

Campaniforme en el Sureste de la Península Ibérica. Así pues, al atender tanto a los vasos y fuentes con decoración campaniforme, como a las distintas fuentes de borde biselado o la propia pesa, identificamos un asentamiento previo al Bronce Argárico en el Cerro de la Encina, de menores dimensiones, y a partir del cual debió existir una cierta continuidad en la ocupación hasta su abandono a finales del Bronce Final, aun no existiendo continuidad entre el asentamiento argárico y el del Bronce Final del SE (Molina, 1978).

Incluso con el escaso número de fragmentos decorados, podemos considerar que, como en otros grandes yacimientos calcolíticos del Sudeste, la concentración de material campaniforme debió ser alta al menos en determinadas zonas (Molina *et al.*, este vol.), lo que vendría demostrado por la proporción de esos elementos decorados respecto a todos los elementos del Cobre Reciente recuperados.

Al atender a sus características tecnológicas, puede advertirse un uso extendido de materias primas localizadas en el entorno del asentamiento, aunque con ciertas variaciones internas que se denotan de la diversificación en la captación de materias primas (fig. 6). Esta diversificación ha podido ser documentada en otros asentamientos con material campaniforme, como es Valencina de la Concepción (Sevilla), donde se han determinado hasta tres grupos de arcillas ubicados en el entorno próximo (Inácio *et al.*, 2012) o Los Millares (Capel *et al.*, 2001). Así, ha podido observarse cómo la pesa de telar utiliza materiales de tipo calcáreo que no son utilizados en ningún caso por las restantes producciones, hecho que parece denotar también espacios de producción muy diferentes. De este modo, proponemos que la pesa de telar fuera realizada en ámbitos vinculados a otros espacios de producción como es la elaboración de textil, lo que no ocurre con las vasijas con y sin decoración campaniforme, las cuales parecen usar materias primas muy diferentes a ésta. Asimismo, es interesante señalar cómo tanto las vasijas decoradas como aquellas sin decoración no responden a un uso específico de materias primas respecto a una producción concreta, sino que éstas se utilizan en la conformación de distintos elementos cerámicos, algo que parece también observarse en el asentamiento del Cerro de la Virgen (Molina *et al.*, este vol.).

Respecto a las superficies, destaca un uso extendido del bruñido como técnica destinada a la regularización de la superficie entre las vasijas con decoración campaniforme, siendo el espatulado específico de aquellas sin decoración. Por otro lado, hemos observado cómo la incisión y la impresión de espátula superan su representatividad, con mucho, a otras técnicas como la impresión por peine, documentada en dos fragmentos (fig. 2: 4 y 9). En cuanto a la cocción, consideramos que la

técnica utilizada no hubo de ser muy diferente a tenor de las variaciones tonales halladas en las superficies y en la matriz de los distintos fragmentos, lo que evidencia un mismo patrón de producción en el conjunto, a excepción del uso diferenciado de materias primas, como señalábamos.

Con todo, tanto formas como decoraciones nos remiten a dos momentos cronoculturales que podrían explicar una cierta continuidad en el Cobre Reciente del Cerro de la Encina. Por un lado, el vaso marítimo se enmarcaría dentro de las producciones propias del Cobre Tardío, mientras que los restantes fragmentos, formarían parte del llamado Campaniforme del Sureste, donde se inserta, además, la propia pesa de telar con paralelos en el Cerro de la Virgen (Schüle, 1980: tafel 97, 101). Se trata de un estilo propio con formas decoradas que se desarrolló en esta región durante el Cobre Final y cuyas características pueden observarse en asentamientos como el Cerro de la Virgen (Schüle, 1980) y Los Millares (Arribas y Molina, 1987). Ahora bien, estos asentamientos tienen en común ser núcleos centrales, donde se ubican élites que dominan política y económicamente un amplio territorio y poseen el control de la producción de la cerámica campaniforme y, sobre todo, de su consumo que queda restringido, como muestra

Los Millares, a determinadas áreas domésticas y al ámbito funerario (en ciertas tumbas solamente) (Arribas y Molina, 1987; Cámara y Molina, 2005; Afonso *et al.*, 2011). Así, vemos cómo en otros poblados la cerámica campaniforme es muy escasa en el Sudeste, donde además se aprecian diferencias entre las distintas zonas. De este modo, existen áreas con mayor frecuencia de vasos decorados y la decoración de fuentes no está tan presente en las zonas granadinas como en Los Millares. Estos aspectos podrían ser estudiados también a partir del análisis de la *Secuencia Decorativa*, aquí sugerida, o de la procedencia exacta de las materias primas de elementos específicos (a través de XRF, por ejemplo), para demostrar la fragmentación política del Sudeste en esos momentos de fines del Calcolítico que precedieron la expansión de los símbolos y modelos urbanísticos y funerarios que conocemos como Cultura del Argar (Molina *et al.*, este vol.), dentro de la cual la fragmentación política sigue existiendo (Molina y Cámara, 2004).

Aunque la densidad de material campaniforme recuperado en el Cerro de la Encina, respecto a las mínimas intervenciones realizadas, que puedan haber alcanzado estos depósitos (y en superficie), los hallazgos surgirían un centro productor y una cierta importancia que podría tener relación con la categoría política del lugar

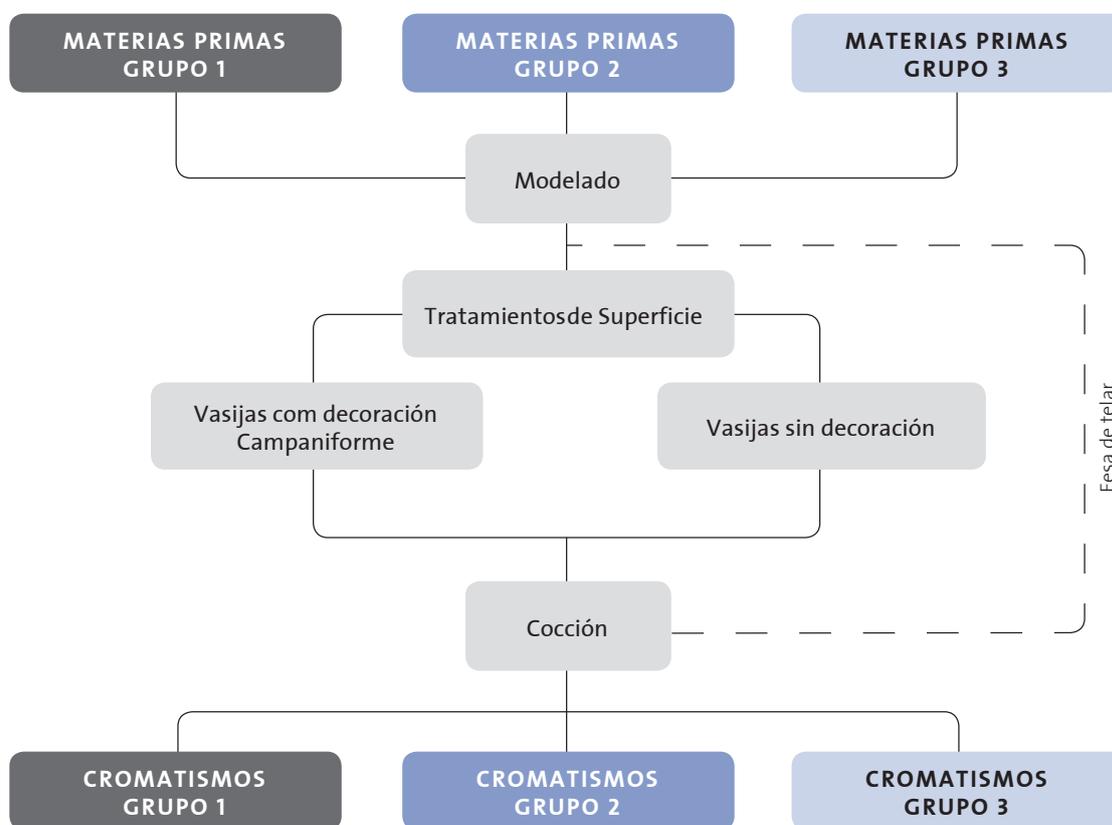


FIG. 6 Secuencia de producción propuesta para los conjuntos estudiados del Cerro de la Encina (Monachil, Granada).

ya en época calcolítica. No obstante, hay que advertir que en la misma Vega de Granada existen referencias de un asentamiento con gran concentración de material campaniforme como es El Manzanil (Loja) (Fresneda, 1983; Carrilero, 1992), el cual se vincula a una importante necrópolis conocida como la Covacha de la Presa (Carrasco *et al.*, 1977). Sin embargo, hay que tener en cuenta que este último asentamiento se sitúa en la zona más alejada de la Vega y que, al menos durante la Edad del Bronce, ambas zonas pertenecieron a unidades territoriales diversas (Cámara, 1998).

AGRADECIMIENTOS

Este estudio ha sido realizado en el marco de los proyectos de investigación *Dieta y Movilidad en la Prehistoria Reciente de Andalucía. Un estudio de la jerarquización social a partir del registro funerario* (P12-HUM-1510), financiado por la Consejería de Economía, Innovación, Ciencia y Empleo de la Junta de Andalucía, y por el proyecto *Estrategias agropecuarias y consumo en la Edad del Bronce del Sur de la Península Ibérica. Análisis de Plantas, Animales y Restos Humanos* (HAR2016-80057-P), financiado por el Ministerio de Economía y Competitividad.

NOTA

- 1 Atendiendo a la descripción que da M. Carrilero (1991), el cuenco hondo con borde entrante hallado en la Zona A (fig. 2.9), y que no ha podido localizarse para la realización del presente estudio, quedaría adscrito al Grupo 2, ya que *la pasta es de color gris y rojiza por los extremos*, como él mismo afirma, lo que parece coincidir con este grupo.

BIBLIOGRAFÍA

- AFONSO, J. A.; CÁMARA, J. A.; MARTÍNEZ, G.; MOLINA, F. (2011) – Objetos en materias primas exóticas y estructura jerárquica de las tumbas de la necrópolis de Los Millares (Santa Fe de Mondújar, Almería, España), *Menga. Revista de Prehistoria de Andalucía*, Monografía 1, p. 295-334.
- ARRIBAS, A. y MOLINA, F. (1987) – New Bell Beaker discoveries in the Southeast Iberian Peninsula, en WALDREN, W. H.; KENNARD, R. C. (eds.) – *Bell Beaker discoveries of the western Mediterranean. Definition, interpretation, theory and new site data* (The Oxford International Conference, 1986), British Archaeological Reports. International Series 331 (I), Oxford, p. 129-146.
- ARRIBAS, A.; PAREJA, E.; MOLINA, F.; ARTEAGA, O.; MOLINA, F. (1974) – *Excavaciones en el poblado de la Edad de Bronce «Cerro de la Encina»: Monachil, Granada (el corte estratigráfico n.º 3)*. Excavaciones Arqueológicas en España 81. Ministerio de Cultura. Madrid.
- BLASCO, M. C. (ed.) (1994) – *El horizonte campaniforme de la región de Madrid en el centenario de Ciempozuelos*, Madrid: Universidad Autónoma de Madrid.
- CABRÉ, J. (1922) – Una necrópolis de la Primera Edad de los Metales en Monachil, Granada. *Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria* I, Madrid.
- CÁMARA, J. A. (1998) – Bases teóricas y metodológicas para el estudio del ritual funerario utilizado durante la Prehistoria Reciente en el sur de la Península Ibérica, *Tesis Doctorales Microfilmadas*, Universidad de Granada, Granada.
- CAPEL, J.; DELGADO, R.; PÁRRAGA, J.; GUARDIOLA, J. L. (1995) – Identificación de técnicas de manufactura y funcionalidad de vasijas cerámicas en estudios de lámina delgada, *Complutum*, 6, p. 311-318.
- CAPEL, J.; MOLINA, F.; NÁJERA, T.; LINARES, J.; HUERTAS, F. (2001) – Aproximación al estudio de procedencia y tecnología de fabricación de las cerámicas campaniformes del yacimiento de la Edad del Cobre de los Millares, en PARDO, M. L.; GÓMEZ, B. M.; RESPALDIZA, M. A. (eds.) – *III Congreso Nacional de Arqueometría (1999, Sevilla)*, Universidad de Sevilla, p. 207-214.
- CARRASCO, J.; GARCÍA, M.; ANÍBAL, C. (1977) – Enterramiento eneolítico colectivo en la «Covacha de la Presa» (Loja, Granada), *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad de Granada*, 2, p. 105-171.
- CARRILERO, M. (1983) – La cerámica campaniforme en la provincia de Granada, *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad de Granada*, 8, p. 175-198.
- CARRILERO, M. (1991) – *El fenómeno campaniforme en el Sureste de la Península Ibérica*, Tesis Doctoral. Universidad de Granada.
- CUOMO DI CAPRIO, N. (2007) – *Ceramica in archaeologia 2: antiche tecniche di lavorazioni e moderni metodi di indagine*, Studia Archaeologica 144, Roma.
- FRESNEDA, E. (1983) – El Poblado Prehistórico de 'El Manzanil' (Loja, Granada), *XVI Congreso Arqueológico Nacional (Murcia, 1982)*, Zaragoza, p. 135-140.
- GÁMIZ, J.; DORADO, A.; CABADAS, H. V. (2013) – Análisis de cerámica prehistórica con estereomicroscopía: una guía revisada sobre la descripción de las fases de producción, *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad de Granada* 23, p. 365-385.
- GONZÁLEZ, M. C.; GARCÍA, G.; GONZÁLEZ, F.; GONZÁLEZ, M.; FERNÁNDEZ, F. (1999) – Estudio Arqueométrico de un Conjunto de Piezas Cerámicas del Yacimiento Arqueológico Valencina de la Concepción (Sevilla). En CAPEL, J. (coord.) – *Arqueometría y Arqueología*. Universidad de Granada, p. 69-76.
- HARRISON, R. (1987) – Beaker cultures of Iberia. France and the West Mediterranean Islands, en GUILAINE, J. (ed.) – *L'âge du Cuivre Européen. Civilisation à vases campaniformes*. Paris: CNRS-CRPT.
- INÁCIO, N.; NOCETE, F.; NIETO, ALDANA, P. L.; PAJUELO, A.; BAYONA, M. R.; ABRIL, D. (2012) – Cerámica común y Campaniforme en Valencina de la Concepción (Sevilla): indagando su procedencia a través del análisis arqueométrico. *Estudios Arqueológicos de Oeiras (Actas do IX Congresso de Ibérico de Arqueometria)*, 19, p. 95-104.
- LAZARICH, M. (1999) – *El Campaniforme en Andalucía Occidental*. Cádiz: Universidad de Cádiz.
- MARTÍN, R.; DELIBES, G. (1989) – *La cultura del vaso campaniforme en las campiñas meridionales del Duero: el enterramiento de Fuente Olmedo (Valladolid)*. Valladolid: Junta de Castilla y León.
- MOLINA, F. (1978) – Definición y sistematización del Bronce Tardío y Final en el sureste de la Península Ibérica. *Cuadernos de Prehistoria de la Universidad de Granada*, 3, p. 159-233.

- MOLINA, F.; CÁMARA, J. A. (2004) – La Cultura del Argar en el área occidental del Sudeste, en HERNÁNDEZ, L.; HERNÁNDEZ, M. S. (eds.) – *La Edad del Bronce en tierras valencianas y zonas limítrofes*, Ayuntamiento de Villena/Instituto Alicantino de Cultura Juan Gil-Albert, Villena, p. 455-470.
- MOLINA, F.; CÁMARA, J. A. (2005) – *Guía del yacimiento arqueológico Los Millares*, Empresa Pública de Gestión de Programas Culturales, Consejería de Cultura. Junta de Andalucía, Sevilla.
- ODRIOZOLA, C. P. (2009) – The two sides of the Guadiana: Inlaid pottery from 3rd millennium BC alongside the Guadiana River (Spain and Portugal). En BIRÓ, T. K. (ed.) – *Vessels: inside and outside. Papers presented at EMAC '07, 9th European Meeting on Ancient Ceramics*, Budapest: Hungarian National Museum.
- ODRIOZOLA, C.; HURTADO, V. (2007) – The Manufacturing Process of 3rd Millennium BC Bone Based Incrusted Pottery Decoration from the Middle Guadiana River Basin (Badajoz, Spain). *Journal of Archaeological Science* 34, p. 1749-1803.
- ODRIOZOLA, C.; HURTADO, V.; GUERRA, E.; CRUZ-AUÑÓN, R.; DELIBES DE CASTRO, G. (2012) – Los rellenos de pasta blanca en cerámicas campaniformes y su utilización en la definición de límites sociales. *Estudios Arqueológicos de Oeiras (Actas do IX Congresso de Ibérico de Arqueometria)*, 19, p. 143-154.
- ORTON, C.; TYERS, P.; VINCE, A. (1993) – *Pottery in Archaeology*, Cambridge University Press.
- PARENTI R. (1990) – Il metodo stratigrafico e l'edilizia storica, in Il modo di costruire, en *Atti del convegno «Il modo di costruire»*. Roma, 6-7-8 giugno 1988, Roma, p. 297-309.
- PARENTI R., (2000) – Architettura, archeologia della. En FRANCOVICH R., MANACORDA D. (a cura di) – *Dizionario di Archeologia. Temi, concetti e metodi*, Roma-Bari.
- RYE, O. S. (1981) – *Pottery Technology: Principles and Reconstruction*. Traxacum, Washington D.C.
- SCHÜLE, W. (1980) – *Orce und Galera. Zwei Siedlungen aus dem 3. bis 1. Jahrtausend v. Chr. im Südosten der Iberischen Halbinsel. I Übersicht über die Ausgrabungen 1962-1970*. Philipp von Zabern. Mainz am Rhein.
- TARRADELL, M. (1947-1948) – Investigaciones arqueológicas en la provincia de Granada, *Ampurias* IX-X, Barcelona, p. 223-236.
- VELDE, B.; DRUC, I. (1999) – *Archaeological Ceramic Materials: Origin and Utilization*. Springer, Berlin.